

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

150 anos



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES
1863-2013

Patrocinador oficial
FUNDAÇÃO MILLENIUM BCP

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins, César Neves
Design gráfico: Flatland Design

Produção: DPI Cromotipo – Oficina de Artes Gráficas, Lda.
Tiragem: 400 exemplares
Depósito Legal: 366919/13
ISBN: 978-972-9451-52-2

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Lisboa, 2013

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Os desenhos da primeira e última páginas são, respectivamente, da autoria de Sara Cura e Carlos Boavida.

Patrocinador oficial



Apoio institucional



REDESCOBRINDO A HISTÓRIA DE CARNIDE: A INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO LARGO DO CORETO E ENVOLVENTE

Ana Caessa / Centro de Arqueologia de Lisboa / Câmara Municipal de Lisboa / ana.caessa@cm-lisboa.pt

Nuno Mota / Centro de Arqueologia de Lisboa / Câmara Municipal de Lisboa / nuno.miguel.mota@cm-lisboa.pt

RESUMO

No âmbito do Projeto de Requalificação do Largo do Coreto de Carnide e Ruas Adjacentes realizaram-se trabalhos arqueológicos entre Março de 2012 e Abril de 2013. Esta intervenção permite considerar Carnide como um grande celeiro do termo de Lisboa, entre os séculos XIV e XVII. Detetaram-se 166 silos escavados no substrato geológico. Encontrados em fase de abandono, servindo de lixeira, forneceram espólio relevante (cerâmicas comuns, faianças, porcelanas, vidros, moedas, objetos metálicos e restos de alimentação) refletindo a vida da população de Carnide na Época Moderna. A mancha de distribuição dos silos, a identificação de um poço de origem medieval, dos vestígios da Ermida do Espírito Santo e necrópole, conduzem a reflexões sobre a evolução urbanística do casco antigo de Carnide.

ABSTRACT

The archaeological works, carried out from March 2012 and April 2013 in Coreto Square and adjacent streets, allows for the consideration of Carnide as one large barn, between the 14th and 17th century. 166 silos were detected, excavated in the geological stratum. These silos found in a state of abandonment, were being used as a dumping ground. However, they provided a relevant collection of artifacts and traces of food leftovers which reflect the life of the population in the Modern Era. The distribution of the silos, the identification of a medieval well and the traces of the Chapel of the Holy Ghost and its necropolis leads to a reflection on the evolution of the urban planning of the old Carnide.

1. INTRODUÇÃO

Os trabalhos de arqueologia no Largo do Coreto de Carnide desenvolveram-se entre Março de 2012 e Abril de 2013, decorrentes das obras de requalificação paisagística do Largo do Coreto e ruas adjacentes, nomeadamente a Rua Neves Costa, a Rua do Machado, a Travessa do Machado, a Travessa do Jogo da Bola, a Estrada da Correia e o topo Este da Estrada da Pontinha.

À data do início dos trabalhos, o Plano Diretor Municipal de Lisboa (PDML), em vigor (o de 1994) colocava todo o núcleo histórico de Carnide em área de sensibilidade arqueológica de nível 2, o que significava que qualquer remeximento no subsolo dessa área teria que ser alvo de acompanhamen-

to por uma equipa de arqueologia que garantisse, em caso de aparecimento de vestígios arqueológicos, o seu registo. Entretanto encontrando-se já em fase adiantada os trabalhos preparatórios para o classificação deste conjunto urbano e o processo para a aprovação uma nova versão do PDML (a de 2012) que colocaria a mesma zona em área de Nível II (área de potencial valor arqueológico elevado), obrigando, agora a trabalhos arqueológicos prévios e não apenas de acompanhamento, a tutela, então a Direção Geral de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo (DRCLVT) exigiu que os trabalhos arqueológicos a realizar integrassem além do acompanhamento, a realização de duas sondagens 4x4m atingindo de preferência o substrato geológico, uma em cada topo do Largo.

2. A INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA

2.1. Metodologia

Ainda nos inícios de Abril de 2012, tanto a realização das sondagens exigidas pela tutela, como o acompanhamento das atividades da obra com impacto no subsolo (levantamento de pisos para repavimentação, abertura de valas para saneamento e outras infraestruturas, entre outros) já tinham comprovado a alta sensibilidade arqueológica do sítio em questão. A escavação das sondagens de diagnóstico ofereceu resultados distintos. Na sondagem do lado Oeste do largo, não foram detetadas quaisquer evidências arqueológicas e o substrato geológico surgiu a menos de 0,50 m de profundidade. No lado Este do largo, foram identificados seis silos de forma ovoide, escavados no substrato geológico, atingido aproximadamente a 0,60 m de profundidade (Figura 1). Os dois únicos silos que se encontravam totalmente inseridos na área da sondagem foram escavados integralmente e forneceram espólio abundante, sobretudo material cerâmico de mesa e cozinha (incluindo peças inteiras) datável dos fins do século XVI aos inícios do século XVII (Figura 2).

Por outro lado, o acompanhamento das atividades da obra com impacto no subsolo, nomeadamente das valas para saneamento, através de escavação mecânica, levou ao registo de um troço de alicerce na zona Noroeste do largo, que ao ser intervencionado arqueologicamente permitiu identificar dois enterramentos que lhe estavam associados. Uma vez que estes enterramentos não iam ser afetados pela obra não foram levantados tendo sido apenas protegidos com manta geotêxtil, antes de serem novamente aterrados. A escavação mecânica para abertura das valas permitiu também a identificação de um poço em pedra, e nos cortes de algumas das valas na parte central do largo foram identificados seis silos cujas barrigas e conteúdos foram muito perturbados.

Perante esta situação, as entidades da tutela foram contactadas e da deslocação dos técnicos ao local, ficou decidido que todas as evidências arqueológicas de valor patrimonial sempre que afetadas pela obra deviam ser integralmente escavadas.

Impunha-se, portanto, uma mudança de estratégia e o redimensionamento e adaptação da equipa de arqueologia¹. O avanço da obra implicaria previsivel-

mente a destruição de muitas realidades arqueológicas que teriam que ser escavadas integralmente. Por outro lado, a provável afetação de eventuais enterramentos, no lado Oeste do largo, exigia a integração de um antropólogo físico na equipa de Arqueologia². A metodologia seguida, no Largo do Coreto e nos locais das ruas adjacentes onde iriam ser colocadas infraestruturas, consistiu na decapagem dos níveis de aterro recentes até ao topo do substrato geológico (maioritariamente biocalcarenítos, com intercalações episódicas de calcários brancos compactos) de forma a identificar os vestígios arqueológicos e proceder à sua escavação prévia antes da sua inevitável destruição pela obra. Esta abordagem permitiu a escavação de sessenta e duas sondagens correspondentes às valas projetadas. Considerando que os silos constituíam o principal vestígio arqueológico detetado e surgiam em grande número optou-se por individualizá-los por Ambiente, dentro de cada sondagem, para além da sua identificação em Unidades Estratigráficas. No restante espaço, alvo do projeto de requalificação, onde se procedeu apenas à repavimentação, com impacto negativo mínimo, realizou-se somente a identificação e registo dos vestígios arqueológicos.

2.2. Resultados (estruturas, contextos e materiais)

Esta intervenção arqueológica revelou uma série de estruturas e contextos que importa analisar, embora preliminarmente uma vez que toda a informação recolhida se encontra ainda em fase de estudo (Figura 3).

Em primeiro lugar foi detetada uma terraplanagem muito bem marcada arqueologicamente que se traduzia num interface de destruição de todas as estruturas e depósitos arqueológicos existentes no local e no corte do substrato geológico sensivelmente sempre à mesma cota, apenas coberto com aterros relativamente recentes.

No lado Noroeste do largo foi posto a descoberto um troço de alicerce com orientação Este-Oeste, construído em alvenaria de pedra calcária e argamassa com fiadas relativamente regulares e vala de

Diana Dinis arqueóloga estagiária, Anabela Castro, Catarina Bolila, Pedro Martinho, arqueólogos; Margarida Rocha, técnica de arqueologia; Jorge Ramos, operário de arqueologia.

2. Soraia Lorena Batista, antropóloga física sob a coordenação de Susana Garcia, docente do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.

1. À equipa inicial constituída pelos arqueólogos signatários e pelo técnico de arqueologia Romão Ramos, juntaram-se

fundação no substrato geológico. Apresentava 7 m de comprimento por 0,80 m de largura e uma profundidade máxima de 0,50 m.

Junto ao alicerce e para Sul foi encontrada uma zona de cemitério, donde se exumaram dezoito indivíduos. Oito correspondem a inumações em decúbito dorsal com orientação Este-Oeste e os outros dez a um ossário. Recolheram-se ainda restos osteológicos humanos dispersos. No conjunto, foi possível identificar nove indivíduos do sexo masculino e doze do sexo feminino de várias idades, com patologias ósseas e dentárias próprias de cada idade, não se tendo assinalado qualquer patologia degenerativa, traumática ou infecciosa (Batista, 2013).

Sensivelmente no centro do largo identificou-se um poço de planta circular, construído em pedra sem ligante com um diâmetro de aproximadamente de 3 metros, uma profundidade estimada em cerca de 15 metros, com água até aos 9 metros. Esta estrutura encontrava-se coberta com uma laje de ferro e cimento e apresentava uma abertura de visita construída com tijolo perfurado contemporâneo.

Foram registados cento e trinta e seis silos (oitenta e oito no Largo do Coreto, dezasseis na Rua do Machado, treze na Travessa do Jogo da Bola e dezanove na Rua Neves Costa), dos quais setenta e um foram escavados. Estas estruturas apresentam uma forma em secção tendencialmente oval e com fundo plano. As dimensões destas estruturas variam pouco, salvo raras exceções, apresentando em média um diâmetro máximo de 1,5 a 2 m e igual medida em profundidade, embora esta medida fosse superior uma vez que os topos estão cortados (Figura 4). Em quase todos os silos foram recuperadas as tampas no seu interior. Talhadas em rocha calcária, a sua morfologia é também relativamente homogénea, variando entre as que exibem uma forma circular ou semicircular (por vezes são mós reaproveitadas) e quadradas, em menor número. Todos os silos que foram escavados apresentavam a parte superior truncada pela terraplanagem já referida restando cerca de dois terços do que seria a sua totalidade. Alguns apresentavam também cortes nas paredes, causados por operações urbanísticas anteriores. A sua disposição no terreno é aparentemente aleatória, não se tendo detetado qualquer tipo de organização de natureza urbanística, antes um aproveitamento máximo do substrato mais adequado e disponível para a sua construção.

O espólio recuperado no interior dos silos apre-

sentava-se relevante em quantidade, qualidade e diversidade. Recolheram-se sobretudo peças de cerâmica comum, vidrada e pintada a branco, brunida, de mesa e de cozinha, (malgas, taças, tigelas, pratos, púcaros, cálices, copos medidores, alguidares, tachos, panelas, frigideiras, especieiros, ...), de iluminação, brinquedos, mealheiros, ocarinas (Figura 5). Menos frequente, mas também em quantidade relevante, a cerâmica modelada e de imitação, cerâmica pedrada, esmaltada (pratos, tigelas, malgas, especieiros), faiança (com decoração a azul sobre branco – decorações com círculos concêntricos e vegetistas – e azul sobre azul) e porcelana da Dinastia Ming (decoração vegetalista, paisagens e zoomórficas), majólica, Paterna-Manises de reflexos metálicos (Figura 6). Estes materiais, juntamente com as peças em vidro (destacando-se as importações venezianas), algumas inteiras, nomeadamente cálices e taças, os numismas (cerca de trezentos, maioritariamente moeda de baixo valor, sobretudo ceitis dos reinados de D. Afonso V a D. Sebastião), os objetos em metal (especialmente ferramentas de trabalho domésticas e de lavoura, ...), apontam para uma cronologia entre os fins do século XVI e a primeira metade do século XVII. Os restos de alimentação (fauna mamalógica, malacológica e ictiológica), depois de estudados poderão também trazer informações de natureza cronológica relacionadas com novos hábitos de consumo decorrentes da expansão ultramarina.

3. REDESCOBRINDO A HISTÓRIA DE CARNIDE

Até à última década do século XX a história de Carnide foi sendo feita unicamente a partir de fontes arquivísticas e bibliográficas. Se as fontes arquivísticas estão ainda deficientemente identificadas, a bibliografia disponível, não muito numerosa, raramente ultrapassa o nível da repetição (Araújo, 1977; Calado, 1991; Castilho, 1935, 43-44; Consiglieri, 1993, 53-72; Gonçalves, 1994a, 213-214; Gonçalves, 1994b, 854-855; Jorge, 1994, 214-216; Moita, 2000a, 222-229; Moita, 2000b, 229-231; Moita, 2000c, 231-235; Moita, 2000d, 235-238; Moita, 2000e, 238-241; Moita, 2000f, 241-242; Moita, 2000g, 243-244; Pereira, 1910, 87-146; Pereira, 1914-1916).

Assim se fica a saber que o topónimo Carnide já era utilizado nos finais do século XII, correspondendo, nessa altura, a uma área de herdades agrícolas, propriedade de particulares abastados e de casas

religiosas de Lisboa. Uma verdadeira aldeia só terá surgido em meados do século XIII e há referências que indicam que, nos inícios do século XIV, a povoação de Carnide já tinha uma igreja dedicada a São Lourenço com o seu cemitério, uma fonte, “covas”, um “rocio” e, especificamente no lugar conhecido por “Alto do Poço” (actual Largo do Coreto), uma Ermida dedicada ao Espírito Santo, outro cemitério, uma leprosaria e (claro) um poço. Para o século XV há notícias de que Carnide se transformara em local de descanso da família real e de outros elementos da Corte (o que indicia a existência de casas nobres). A partir do século XVI e até, pelo menos, ao terramoto de 1755 (que provocou muitas destruições na zona), foram-se instalando, ao redor da aldeia de Carnide, os conventos e as casas senhoriais, com as suas ermidas e as suas quintas. Na segunda metade do século XIX, Carnide pertenceu a uma efémera Câmara Municipal de Belém que promoveu, entre outras iniciativas a transformação do “Alto do Poço” num largo, o actual Largo do Coreto.

Foi este tipo de informações, juntamente com alguns edifícios e sítios classificados ou inventariados na Carta Municipal de Património, que justificou a inclusão do núcleo histórico de Carnide em área de sensibilidade arqueológica. E desde que esses regulamentos que complementam a lei de protecção e valorização do património cultural estão em vigor, muitos locais onde ocorrem obras em Carnide têm sido alvo de trabalhos arqueológicos, o que tem permitido descobertas (algumas das quais foram até musealizadas, como os silos no Largo do Jogo da Bola) e um melhor conhecimento da história do sítio.

Esta intervenção arqueológica vem portanto confirmar, clarificar e acrescentar informação aos dados até agora disponíveis.

A terraplanagem detetada em toda a área intervençionada corresponderá portanto àquela que foi operada em 1860 pela Câmara Municipal de Belém que teve como objetivo criar uma plataforma nivelada e o arranjo do largo.

O poço que provavelmente justificaria o topónimo “Alto do Poço” e que será talvez um dos poços referidos nas fontes medievais, foi nesta altura (em 1859) encimado por uma fonte com roda e é ainda visível na *Planta Topográfica de Lisboa: Plantas 5Q e 6Q* [Serviço de Obras Públicas / 3ª Repartição; Direcção de J. A. V. da Silva Pinto; Desenhada por D. Florez, Lisboa], de 1908.

Com o mesmo objetivo e acompanhando os movi-

mentos anticlericais que invadiram todo o século XIX e inícios do XX, a Ermida do Espírito Santo foi demolida e o cemitério que lhe estava anexo trasladado em 1858. Não é, por isso de surpreender que apenas um troço de alicerce encaixado no substrato geológico tenha sobrevivido e que se tenham recolhido tantos restos osteológicos humanos dispersos nas suas imediações.

Os enterramentos registados, cujas sepulturas e respetivos depósitos foi praticamente impossível identificar, estavam assentes diretamente no geológico, voltados para Este, como era o hábito antes do Concílio de Trento (1545-1563). Ou seja, sobreviveram à trasladação porque estavam enterrados a maior profundidade e eram dos mais antigos. O único espólio recolhido junto dos enterramentos que parece não resultar de remeximento de terras foram dois elementos de crucifixo e algumas contas que podem ter pertencido aos terços e/ou rosários que era comum colocar nas mãos dos defuntos. A análise dos restos osteológicos humanos não encontrou qualquer patologia relacionada com doenças degenerativas e infecciosas que pudessem ser relacionadas com a existência de uma gafaria eventualmente associada à Ermida do Espírito Santo.

A primeira informação arquivística que refere a existência dos silos – covas de pão – data de 1311 (Azevedo, 1905, 11), indiciando o teor da documentação que são mais antigos. O espólio arqueológico recuperado nos silos, no momento em que já estão a ser utilizados como lixeira, leva a crer que o abandono da sua função original se situa ainda na primeira metade do século XVII. A homogeneidade cronológica do material mais fragmentado datado desta centúria, a par do descarte de peças do século XVI, muitas delas inteiras, moedas obsoletas de baixo valor ou silos preenchidos inteiramente com depósitos de formação rápida com entulhos de obra, levanta ainda a suspeita de se tratar de um episódio aparentemente rápido e generalizado.

O limite do espaço ocupado pelos silos foi possível de definir a Este e a Oeste, ficando por perceber a extensão da mancha para Norte e Sul. Estes limites coincidem com a mudança da geologia do terreno. A Oeste, na zona onde foi identificado o cemitério e ermida, o substrato torna-se mais rochoso, com afloramentos de calcários compactos que tornariam penosa a escavação destas estruturas. Ainda assim, detetou-se um silo que começou a ser escavado nesta zona mas que foi abandonado provavelmente

por essa razão. A Este, o terreno torna-se argiloso e pouco apto para a construção destas estruturas subterrâneas. Embora se tenham encontrado dez silos neste tipo de substrato, a sua distribuição era mais espaçada, não havendo uma concorrência pelo espaço tão acentuada como na área onde o geológico é composto por calcarenitos. A natureza do terreno terá sido, pelo menos em parte, um fator importante na quantidade e densidade destas estruturas no Largo do Coreto, Rua Neves Costa, Rua do Machado e Largo do Jogo da Bola, providos deste substrato geológico. Aliás, ao número de silos identificados nesta intervenção arqueológica há ainda a acrescentar aqueles que foram registados pela equipa de arqueologia da empresa de Construção e Manutenção Eletromecânica S.A. (vulgo CME) que na mesma altura atuou no mesmo espaço e identificou mais seis silos na Rua do Machado e mais vinte e três no Largo do Coreto. Se a estes se juntarem os seis musealizados no Largo do Jogo de Bola (Diogo, 1998, 49-52) e mais um no interior de uma habitação entre o largo e a Rua do Machado, identificado em intervenção arqueológica anterior, atinge-se um total de cento e setenta e dois silos.

É de assinalar que a Rua Neves Costa era conhecida por Rua Direita (provavelmente direta ao Santuário da Luz ou outro ponto importante de Carnide). Essa designação costuma ser associada a caminhos fósseis e, portanto, esta artéria tem sido considerada como uma das mais antigas de Carnide. No entanto, a identificação de dezanove silos ao longo do seu troço, dois dos quais no lado Oeste, encontrados cortados junto ao fundo, parece inviabilizar essa hipótese. Por um lado, esta rua foi alvo de uma grande transformação topográfica, possivelmente também no século XIX, e por outro a densidade de silos não leva a crer que aqui houvesse uma rua primitiva.

A configuração urbana e viária atual não se parece coadunar com o que seria a antiga ocupação do local como sítio de armazenagem densamente ocupado. Tendo existido caminhos ou parcelas articuladas com a exploração ou propriedade destas estruturas, seria pouco provável a edificação habitacional ou outra no mesmo espaço ou mesmo a existência de vias que permitissem a fácil circulação de carros de tração animal e pessoas. Neste sentido, a mancha de dispersão de silos registada permite abrir a discussão em torno do urbanismo antigo do sítio de Carnide. No fundo todos estes vestígios arqueológicos eram expectáveis, o que não se previa era a elevada quanti-

dade de silos, que demonstra que Carnide foi um local importante para a produção e armazenamento de cereais, bem como as novidades perspectivadas para a história da evolução do urbanismo de Carnide.

4. CONCLUSÃO

A título de conclusão, no estado atual do estudo que tem vindo a ser desenvolvido desde o início desta intervenção arqueológica, resta apontar pistas de investigação para o futuro para concluir que está quase tudo por fazer.

Relativamente ao urbanismo de Carnide, há muito a explorar sobre a localização da aldeia primitiva, em relação ao terreiro dos silos, à Igreja de São Loureço, à Ermida do Espírito Santo e respetivos cemitérios. Relativamente aos silos, há toda uma pesquisa arquivística por fazer que esclareça sobre a sua origem, propriedade e razões para o abandono aparentemente rápido.

O tratamento do espólio exumado do interior dos silos, que se encontra numa fase inicial, contribuirá para reconstituir o quotidiano da população de Carnide nos séculos XVI e XVII, tanto dos privilegiados como dos humildes.

FONTES CARTOGRÁFICAS

Planta Topográfica de Lisboa: Plantas 5Q e 6Q [Serviço de Obras Públicas / 3ª Repartição; Direcção de J. A. V. da Silva Pinto; Desenhada por D. Florez, Lisboa], de 1908.

BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, António de Sousa (1977) – *O Santuário da Luz: Glória de Carnide*. Lisboa: edição de autor.

AZEVEDO, Pedro (1905) – Urraca Machado, dona de Chellas. *Archivo Histórico Portuguez*, volume III, pp. 1-33.

BATISTA, Soraia Lorena (2013) – *Relatório Antropológico da Escavação do Largo do Coreto e Estudo Laboratorial do Material Osteológico Exumado (Carnide, Lisboa)*. Policopiado.

CALADO, Maria; FERREIRA, Vítor Matias (1991) – *Lisboa: Freguesia de Carnide*. Lisboa: Guias Contexto.

CASTILHO, Júlio de (1935) – *Lisboa Antiga: Bairros Orientais*, volume I, Lisboa, CML, 2ª ed.

CONSIGLIERI, Carlos *et alii* (1993) – *Pelas Freguesias de Lisboa (Benfca, Carnide, Ameixoeira, Charneca e Lumiar)*, Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.

DIOGO, A. M. Dias; ; VITAL, Nestor Fatia (1998) – Estudo das moedas encontradas nos silos do Largo do Jogo da Bola. *Olisipo: Boletim do Grupo de Amigos de Lisboa*, 2ª série, 6, pp. 49-52.

GONÇALVES, Julieta da Cunha (1994a) – Carnide (palácio dos condes de). In SUCENA, Eduardo; SANTANA, Francisco, eds. – *Dicionário da História de Lisboa*. Lisboa: Lisboa94, pp. 213-214.

GONÇALVES, Julieta da Cunha (1994b) – Santa Teresa de Carnide (convento de), In SUCENA, Eduardo; SANTANA, Francisco, eds. – *Dicionário da História de Lisboa*. Lisboa: Lisboa94, pp. 854-855.

JORGE., Maria Júlia (1994) – Carnide (sítio de), In SUCENA, Eduardo; SANTANA, Francisco, eds. – *Dicionário da História de Lisboa*. Lisboa: Lisboa94, pp. 214-216.

MOITA, Irisalva (2000a) – Carnide o Velho: o Sítio. In ATAÍDE, M. Maia; SOARES, M. Micaela, eds. – *Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa*, volume V, 4º tomo, 2ª parte, Lisboa: Assembleia Distrital de Lisboa, pp. 222-229.

MOITA, Irisalva (2000b) – Igreja de São Lourenço de Carnide. In ATAÍDE, M. Maia; SOARES, M. Micaela, eds. – *Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa*. volume V, 4º tomo, 2ª parte, Lisboa: Assembleia Distrital de Lisboa, pp. 229-231.

MOITA, Irisalva (2000c) – Convento de Santa Teresa de Carnide. In ATAÍDE, M. Maia; SOARES, M. Micaela, eds. – *Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa*, volume V, 4º tomo, 2ª parte, Lisboa: Assembleia Distrital de Lisboa, pp. 231-235.

MOITA, Irisalva (2000d) – Quintas Nobres da Rua do Norte, Quinta dos Azulejos, Quinta da Marquesa, Quinta das Barradas. In ATAÍDE, M. Maia; SOARES, M. Micaela, eds. – *Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa*, volume V, 4º tomo, 2ª parte, Lisboa: Assembleia Distrital de Lisboa, pp. 235-238.

MOITA, Irisalva (2000e) – Palácio dos Condes de Carnide. *Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa*, volume V, 4º tomo, 2ª parte (coord. M. Maia Ataíde e M. Micaela Soares), Lisboa: Assembleia Distrital de Lisboa, pp. 238-241.

MOITA, Irisalva (2000f) – Quinta do Bom Nome (Quinta do Sarmento). In ATAÍDE, M. Maia; SOARES, M. Micaela, eds. – *Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa*, volume V, 4º tomo, 2ª parte, Lisboa: Assembleia Distrital de Lisboa, pp. 241-242.

MOITA, Irisalva (2000g) – Quinta da Boa Vista (Casal do Falcão). In ATAÍDE, M. Maia; SOARES, M. Micaela, eds. – *Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa*, volume V, 4º tomo, 2ª parte, Lisboa: Assembleia Distrital de Lisboa, pp. 243-244.

PEREIRA, Gabriel (1910) – Notícias de Carnide (1898). In PEREIRA, Gabriel, *Pelos Subúrbios e Vizinhanças de Lisboa*, Lisboa: Clássica Editora, pp. 87-146.

PEREIRA, José Baptista (1914-1916) – Memórias de Carnide. *O Instituto: Revista Científica e Literária*, volumes 61-63, Coimbra: Imprensa da Universidade.



Figura 1 – Sondagem de diagnóstico no lado Este do Largo do Coreto, atravessada por uma vala de cabos elétricos, mostrando seis silos.



Figura 2 – Aspeto de um silo em fase de escavação, observando-se a tampa e espólio arqueológico em grande quantidade.

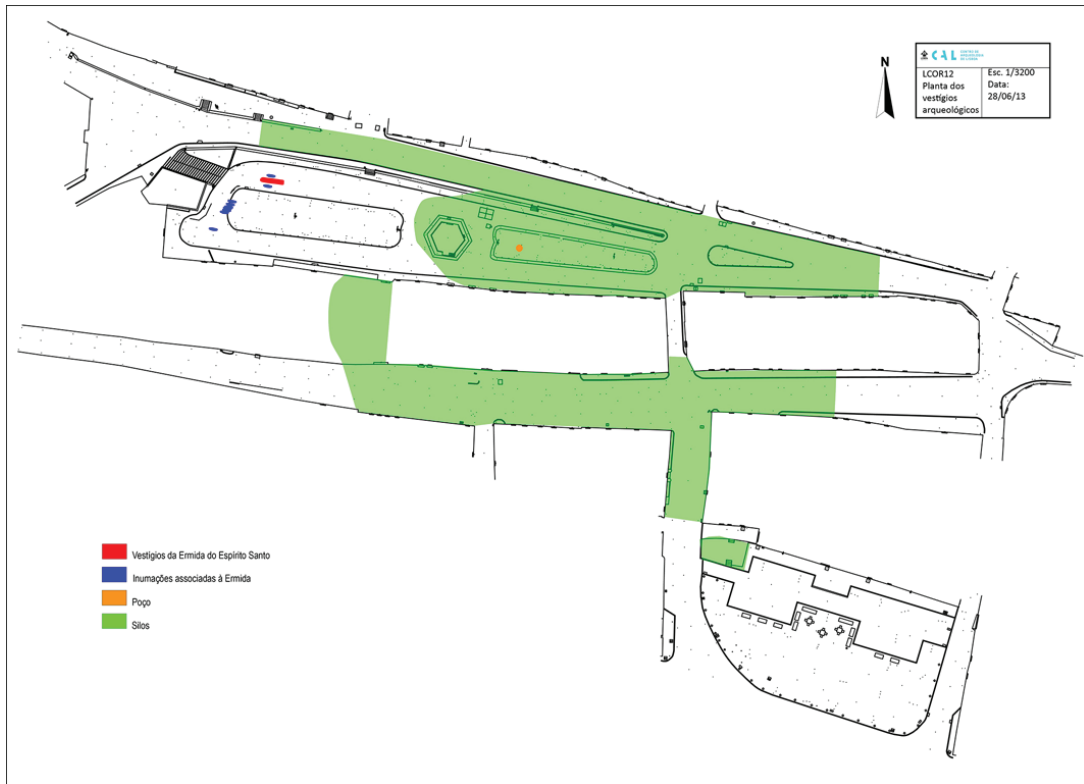


Figura 3 – Implantação das estruturas e contextos identificados na intervenção arqueológica.

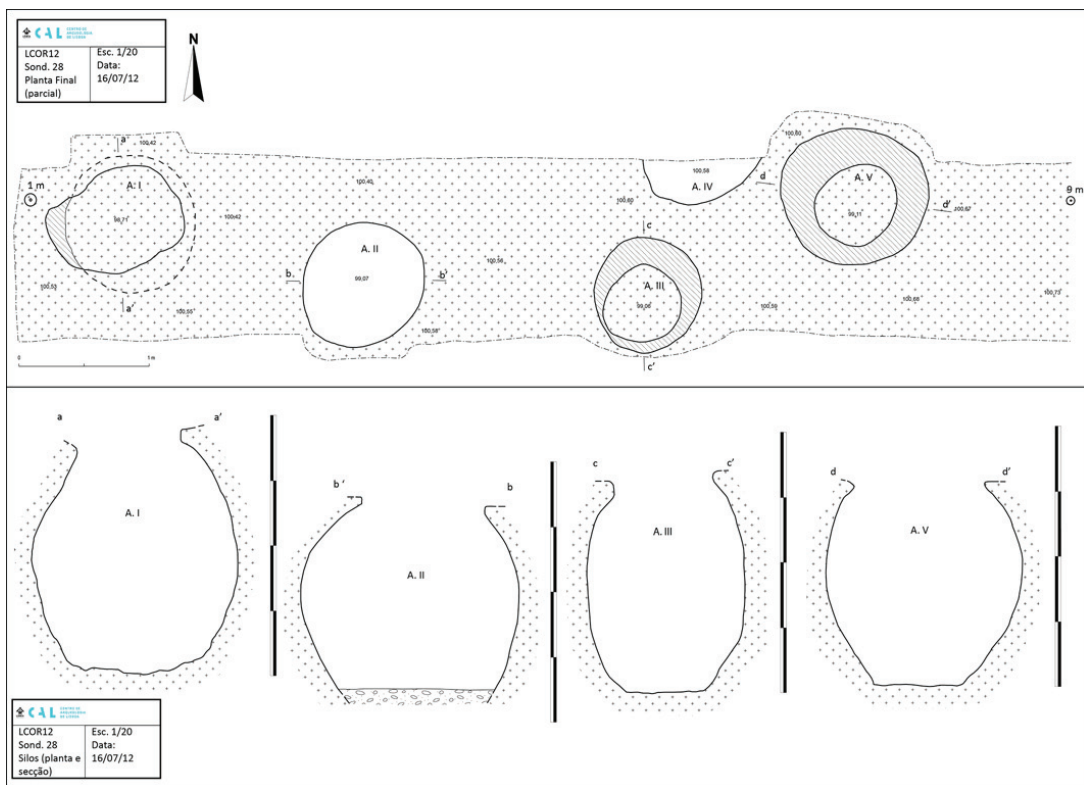


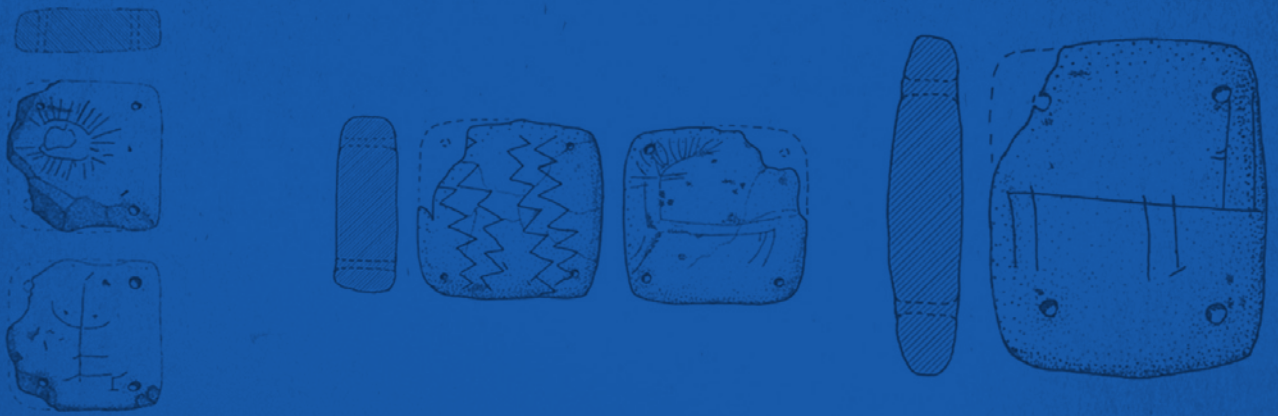
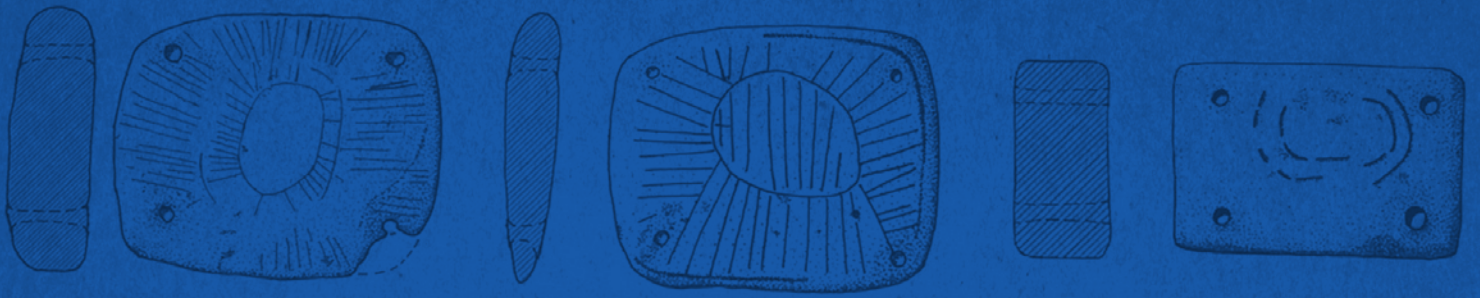
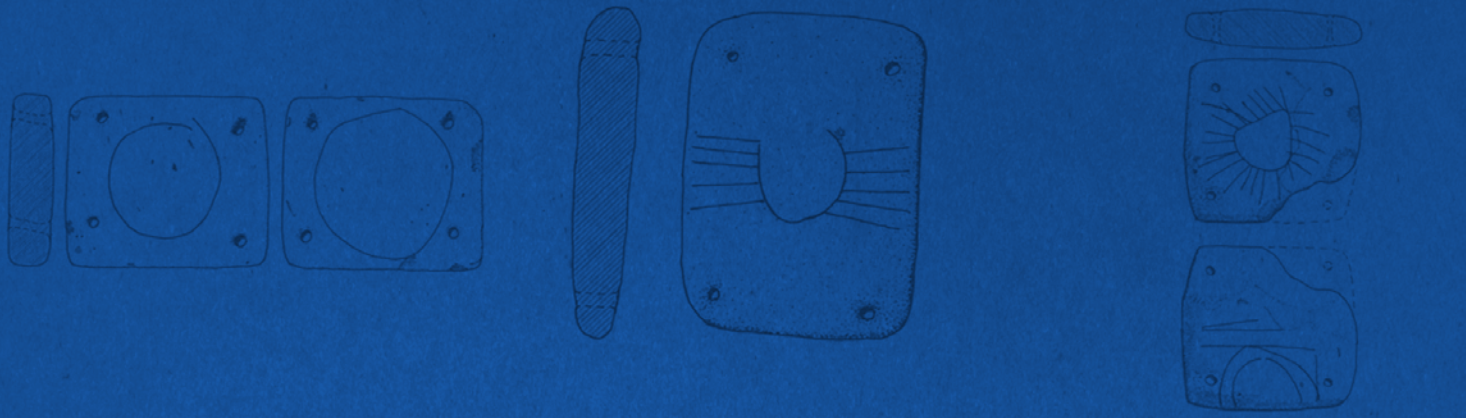
Figura 4 – Registo gráfico de quatro dos treze silos identificados na sondagem 28, no lado Norte do Largo do Coreto.



Figura 5 – Conjunto de peças de cerâmica comum, vidrada, pintada a branco, brunida e modelada e pedrada.



Figura 6 – Conjunto de peças em cerâmica esmaltada, faiança, porcelana, majólica, reflexos metálicos e outros objetos de uso cotidiano.



AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Patrocinador oficial

Apoio institucional

FUNDAÇÃO
Millennium
bcp

BNP
BIBLIOTECA
NACIONAL
DE PORTUGAL

 GOVERNO DE
PORTUGAL


Parques de Sintra
Monte da Lua